

EVOLUÇÃO CULTURAL E RELIGIOSA

Por *Virgílio Correia Filho*
Da Comissão de Redação da
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Os oleiros habilíssimos, que documentaram à farta nos cerâmios de Pacoval e circunjacências a sua arte exímia, concretizada na modelagem e decoração de artefatos de argila, confeccionados com perfeição crescente, quanto mais antigos,¹ tinham desaparecido, ou os descendentes, desmemoriados dos ensinamentos ancestrais, já não praticavam a cerâmica a primor, quando os europeus embocaram pelo estuário gigantesco.

A cultura evanescente pouco diferiria da que exhibia qualquer outro dos agrupamentos ripícolas, que então começavam a sentir a pressão dos retirantes do litoral, em busca de paragens mais afastadas, ainda refratárias ao jugo estranho.

Viviam todos em regime de economia primitiva, sustentados pela caça abundante, pelos rios piscosos, pelos frutos silvestres, e alguma planta cultivada em reduzida escala.

Para os invasores dos seus domínios, eram apenas selvagens, que serviriam, quando muito, de motores humanos, caso aceitassem de bom grado o cativoiro.

As tentativas, porém, para os transformar em escravos prestimosos, longe estariam do êxito alcançado com os seus companheiros de desventura, que provinham da Costa d'África.

Em auxílio dos perseguidos pela ambição dominadora arregimentar-se-iam os legionários tonsurados, com quem deveriam os ameríndios iniciar-se na aprendizagem de doutrinas e técnicas jamais sonhadas.

Conheceram aventureiros da Inglaterra, como da Holanda, da França e Irlanda, antes que FRANCISCO CALDEIRA DE CASTELO BRANCO saltasse em Guajará, decidido a tomar posse da Amazônia, em Janeiro de 1616.

Com êles entabulariam algumas transações mercantís permitidas pela sua escassez de produtos de escambo, mas nenhuma alteração mais profunda manifestariam em suas atividades espirituais ou econômicas.

¹ Ferreira Pena, que sugeriu a adoção do vocábulo — cerâmio — para traduzir o miracan-uera dos Tupinambás, ou *mound*, da nomenclatura americana, perfilhada por J. C. Couro de MAGALHÃES, informou em carta de 1877 ao diretor do Museu Nacional:

“A minha primeira visita ao cerâmio de Pacoval foi precedida pela do Dr. Steere. Este naturalista me havia comunicado que distinguia no Pacoval três secções ou camadas de vasos, sobrepostas umas às outras e apresentando cada uma artefactos sensivelmente diferentes quanto aos desenhos e outros ornatos, contendo a secção inferior os mais perfeitos exemplares e a superior os menos importantes

E, baseado em tais provas, concluiu:

“Houve em Marajó um povo que, chegado a um importante grau de civilização, achou-se inopinadamente em circunstâncias tão difíceis, que não só foi constriangido a parar no caminho de progresso, mas a retroceder gradual e rapidamente até recair nos domínios da barbaria”

Arquivos do Museu Nacional — Vol. II — 1877

Estudos ulteriores confirmaram as observações de STEERE e PENA, atribuídas ao perecimento dos Atuaks, dominados pelos Tupis, invasores dos seus domínios, que não possuíam igual pericia de ceramistas

VER ANGIONE COSTA — *Introdução à Arqueologia Brasileira*

Ação dos Missionários A fundação da cidade de “Nossa Senhora de Belém”, amparada no “Forte do Presépio”, donde irradiaria a defesa da região circunjacente, denominada “Feliz Lusitania”, iria contribuir de maneira diversa para incorporar os selvícolas à vida civilizada.

Primeiramente, operaram, sem contraste, os escravizadores, que investem contra os aldeamentos e aprisionam os habitantes que não logram fugir a tempo.

Só lhes limita a ambição a distância que os separa dos perseguidos, em retirada para o recesso da floresta.

Em breve, porém, além da impossibilidade material, causada pelo afastamento, outra, de ordem moral, avultaria, em progressão crescente, mercê dos esforços dos missionários, que se consagram à catequese dos naturais da Amazônia.

Iniciam-na os capuchos de Santo Antônio que, alojados no recinto fortificado, a 28 de Julho de 1617, não tardaram em catequizar os Taujaras, acessíveis ao seu convívio. Decorridos nove anos, já tinham convento e igreja consagrada ao protetor da ordem.

Aparecem, em seguida, os carmelitas calçados, que BENTO MACIEL PARENTE convida, em 1626, para estenderem a Belém as suas atividades religiosas de que o Maranhão já se beneficiava.

Dá-lhes a sua própria casa de campo, nas vizinhanças do Alagadiço do Juçara.

Aí edificaram o convento, em que se apressaram de abrir escola primária.

Foram, destarte, “os carmelitas os primeiros professores de Belém”, que atendiam por igual “à instrução dos índios e dos civilizados”.²

Seguiram-lhes o exemplo, sem tardança, os frades das Mercês.

Pretenderam com análoga diligência os jesuítas colaborar no mesmo empreendimento apostolar, que levou, em 1636, o padre LUIZ FIGUEIRA até Muturú, ancestral do Pôrto de Moz.

Bem aceito pelos selvícolas que não queriam privar-se da sua assistência, e pretenderam até lhe impedir o regresso, prometeu o missionário tornar ao Xingú, depois que lograsse aumentar o número dos seus colaboradores.

Reuniu-os em Portugal, donde voltava, esperançoso de levar avante a sua cruzada evangelizadora, quando fatal naufrágio o condenou, juntamente com os companheiros de infortúnio, aos golpes dos terríveis Aruãs

² Fr. André Prat — O Carm — *Notas históricas sobre as missões carmelitanas no Extremo Norte do Brasil*

O trágico remate da viagem, na baía do Sol, retardou a execução do empreendimento, que só em 1653 seria retomado pelos seus irmãos de ordem, padres JOÃO DE SOUTO MAIOR e GASPAR FRAGOSO, devidamente credenciados.

Em carta de 23 de Setembro de 1652, o rei de Portugal comunicava aos camaristas do Pará: “ordenei aos Religiosos da Companhia da Província do Brasil, que, por serviço de Deus, e meu, tornassem a êsse Estado e fundassem nele as Igrejas necessárias com o intento de doutrinar e encaminhar ao gentio dele a abraçar nossa Santa Fé, principal obrigação minha nas Conquistas”.³

Hospedaram-se provisoriamente na “Campina”, onde ergueram “modesta casa e capela, coberta de palha” em terreno cedido pelos mercenários, que os precederam na conquista religiosa da Amazônia.

O edifício principal, Colégio de Santo Alexandre, localizariam, sem demora, no “Portão” contíguo ao Forte, entre os dois bairros, que já se constituíam na área urbana, o da Cidade, ao poente, e da Campina, a leste.

Mercê dos esforços de SOUTO MAIOR, aí se erguem as primeiras paredes, que, devidamente ampliadas, iriam abrigar o Colégio, predestinado a exercer vigoroso influxo na região.

Como todo organismo dotado de vitalidade, não se limitou à traça primitiva.

Mais um laço hoje, mais um muro, em seguida, foi crescendo em tamanho, e ganhando prestígio, por maneira que se inverteu, em breve, a toponímia.

Em vez de “Colégio do Forte”, para designar o estabelecimento inaciano edificado ao lado da construção castrense, mais antiga e oficial, a linguagem popular preferia dar relêvo ao primeiro, que avultava com maior imponência: “Forte do Colégio”.⁴

Confiado à proteção de S. Alexandre, cujas relíquias recebeu por mimo especial do Papa URBANO VIII, o Colégio foi crescendo de contínuo, apesar do regime deficitário resultante, que provocou censuras de Roma.

Quando as dívidas contraídas excediam à tolerância, a paralisação das obras alongava-se por alguns anos, até que a premência de atender aos imperativos culturais forçava a expansão interrompida.

Dessa maneira, ajuntou-se-lhe a “Capela Doméstica”, dedicada a São Francisco de Borja, bem como a “Livreria”, que, em princípios do século XVIII, já recolhia mais de dois mil livros, alí mesmo encadernados na oficina contígua.

³ O Padre SERAFIM LEITE, em sua monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Vol III, traz a carta na íntegra, bem como outros informes utilizados neste resumo

⁴ SERAFIM LEITE — obr cit

As atividades que desenvolveu, rompem da descrição pela qual o padre SERAFIM LEITE recordou o empreendimento dos seus antecessores.

“O Colégio tinha dois pátios, o de cima e o de baixo.

Para o de cima, ou do Colégio pròpriamente dito, dava de um lado o lanço da sacristia e da Capela Doméstica e dos outros três, os Corredores com as classes, habitações, refeitórios, boticas e demais cômodos. O pátio de baixo para o lado de “Ver-o peso”, e nele, fora do recolhimento do Colégio, se aglomeravam as oficinas, carpintaria, cozinha dupla para sãos e doentes, forno, casa de hóspede, casa dos servos, e as procuraturas ou depósitos, aonde refluía tôda a vida material e econômica das Aldeias e Missões, espalhadas pelo sertão, desde o Salgado à beira mar até ao Amazonas, de rio em rio, até ao Madeira e Javari”.⁵

O seu zêlo estampava-se igualmente nas edificações consagradas ao culto religioso, que lhes iam assinalando a expansão catequista.

Igrejas Entre as demais, sobressaiu, ao flanco do Colégio, a igreja de São Francisco Xavier, como “um dos grandes monumentos artísticos e históricos do Pará, pleno de dignidade, equilíbrio e nobreza”.

Erguida pelo padre Souto MAIOR, em 1653, mal sustinha a cobertura de fôlhas de ubuçu, que lhe imprimia feições rústicas

Reconstruída na década seguinte, sob as vistas do arquiteto CRISTÓVÃO DOMINGOS que lhe compôs também o altar-mor, oferecia ainda ao culto dois outros altares, projetados pelo Ir. JOÃO DE ALMEIDA, que “por ter sido companheiro de um engenheiro sabia debuxar a pintura mui bem”.

E como sobressaísse, pela harmonia do conjunto, para ela convergiam as contribuições de quantos pudessem aformosé-la.

“Em 1670 já a sacristia se ornava com belos embutidos de tartaruga e os quadros da vida de Cristo, que pintara o Ir. BALTAZAR DE CAMPOS, flamengo; e a 31 de Julho de 1696 expuseram-se no altar-mor duas imagens de vulto, que o P. BENTO DE OLIVEIRA mandou fazer pelo entalhador MANUEL JOÃO, o qual também tinha feito, por ordem do mesmo Padre, o *Cristo Crucificado*, grande, da Capela Doméstica com o *Ecce Homo* e mais as imagens da Paixão”.

Na transformação final, ampliou-se grandemente, desde 1718, para abranger, além da capela mor, oito laterais, para cujo ornato contribuíam as aldeias e missões da Amazônia.

Os produtos recebidos da hinterlândia eram exportados para Lisboa, onde a sua venda permitia a compra de alfaias, vasos sagrados, e mais peças necessárias ao culto que se reuniam às outras, fabricadas pelos artistas regionais.

⁵ Idem id.

Não se descuidaram também os carmelitas de sua contribuição neste particular, manifesta na Igreja do Carmo de Belém, reedificada mais de uma vez, "cuja parte construída é uma obra prima de arquitetura religiosa", em que atuou o engenheiro ANTÔNIO LANDI, além de outros, e bem assim em Cametá, Vigia e Gurupá.⁶

A Catequese Embora se esforçassem os inacianos por aformosear as igrejas, tanto da sua jurisdição, como de outrem⁷, não limitaram as suas atividades à área urbana.

Pretendiam atuar no recesso dos sertões assenhoreados por índios bravios.

Nas proximidades de Belém, de cujo pôrto os separava a baía enorme, viviam os Nheengaibas, hostís aos portugueses, desde quando foram cruelmente enganados.

Lutadores destemidos, vigiavam, atentos, o estuário majestoso.

Guerreavam-se de contínuo, e os perigos cresciam de vulto, quando aflorava a hipótese de possível aliança dos holandeses com os insulanos de Marajó.

Seria o fim da colonização de Belém, pensavam os previdentes, e disse-o às claras o P. ANTÔNIO VIEIRA, acaso para mais enaltecer a sua conquista pacífica.⁸

Para iniciá-la movimentou-se tropa, sob o comando do sargento mor AGOSTINHO CORREIA, em cuja companhia seguiram os padres JOÃO DE SOUTO MAIOR e SALVADOR DO VALE, ao afirmar o ano de 1655.

Não quiseram os índios saber de conversas falazes.

Ocultavam-se aos olhares dos civilizados, que se retiraram, por fim, libertando um dos prisioneiros, anteriormente agarrados, com a incumbência de comunicar aos seus irmãos os propósitos de paz, em que se achavam os portugueses, de que era penhor o cruçifixo que lhe deu então o padre SOUTO MAIOR.

Fracassada essa tentativa, outra colheria êxito melhor, três anos depois, por intermédio de novos emissários, que prometeram tornar com favorável resposta, caso não fôssem trucidados pelos seus contrêneos.

Entaboladas as relações de amizade, consolidou-as o padre VIEIRA, ao visitar o maior aldeamento dos Nheengaibas.

⁶ ANDRÉ PRAT — O Carmo *Notas históricas sobre as missões carmelitanas no Extremo Norte do Brasil*

⁷ Informa o P. SERAFIM LEITE que os jesuítas colaboravam na reconstrução da Matriz de Nossa Senhora da Graça, e mais a Capela de Santo Cristo, junto ao Forte, e a de S. João Batista, "na qual, poucos anos depois, no motim de 1661, esteve prêso ANTÔNIO VIEIRA"

⁸ "Os que consideram a felicidade desta empresa, não só com os olhos no céu senão também na terra, têm por certo que nesse dia se acabou de conquistar o Maranhão: porque, com os Nheengaibas por inimigos, seia o Pará de qualquer nação estrangeira que se confederasse com eles; e, com os Nheengaibas por vassallos e por amigos, fica o Pará seguro e impenetrável a todo o poder estranho". Carta do P. VIEIRA a El Rei

“Acompanhado dos Principais’ de tôdas as nações cristãs, escreveu o insigne orador, e de sômente seis portuguezes com o sargento mor da praça, para mostrar maior confiança”, embocou, ao quarto dia de viagem, pelo rio que os selvícolas dominavam.

Tratou de perto os Mamaianás, “de quem havia maior receio de sua fereza”, e cujas demonstrações de cordialidade afastaram tôdas as suspeitas, bem como os Aruãs, os Anajás, e outros, cujo número “não se pode dizer com certeza, os que menos o sabem dizem que serão quarenta mil”.⁹

Rapidamente foram os catequistas ampliando o seu círculo de influência, que se pontilharia de “Aldeias de El Rei”, indicativas do esforço missioneiro.

Assim, em sítio próximo a Belém, agremiaram-se os Tupinambás de baixo da aldeia de Cambú, em que residiam os “melhores flecheiros do Pará”.

Além, formou-se a Aldeia de Maguarí, como a de Miritiba, a de Tabapará, onde em 1663 aflorou “a primeira roça dos Padres”, empreendimento repetido em Mamaiacú, e bem assim Curuçá, que proporcionou a João SAMPAIO elementos para iniciar a exploração de salinas.

Em rumo da “Costa-Mar”, constituíram a de S. Miguel de Maracanã, no Salgado, conhecida desde 1653.

E progressivamente avançaram, sertões a dentro, sulcando, de arrepio, as vias fluviais, que os levariam aos aldeamentos dos Tocantins em 1655, em viagem referida pormenorizadamente por VIEIRA,¹⁰ ao rio Negro, dois anos após, ao Tapajoz, em 1661, ao Araguaia, na década seguinte, ao Madeira, em 1688, além dos afluentes de menor calibre.

⁹ Aos Aruãs, atribuiu-se o trucidamento do padre FIGUEIRA e mais dez companheiros que, naufragos nos baixos da baía do Sol, conseguiram improvisal jangada, por meio da qual foram ter às praias de Joanes, na ilha do Marajó, onde os índios lhes deitam trágica morte

¹⁰ Em carta ao Provincial do Brasil, narra o inflexível defensor da liberdade dos índios, o que lhe pareceu mais admirável nessa jornada

E’ colorida página literária em que se reflete a paisagem, com as peculiaridades regionais, como ao referir-se às tartarugas e praias de viração

“Os ovos são como os de galinha na côr, e quase no sabor, a casca mais branca e de figura diferente, porque são redondos, e deles bem machucados se fazem em trechos as belas mantelgas do Farã; e o modo com que se faz esta pesca requereu mais noticia que industria, pela muita cautela e pouca resistência das tartarugas

Quando vêm a desembarcar nestas praias trazem diante duas, como sentinelas, que vêm a espiar com muita pausa; logo depois destas, com bom espaço, vêm oito ou dez, como descobridores do campo, e depois delas, em maior distâncias, vem todo o exército das tartarugas, que consta de muitos milhares

Se a primeira e as seguintes sentem algum rumor voltam para trás, e com elas as demais, e tôdas se somem em um momento; por isso os que vêm à pesca se escondem todos atrás dos matos, e esperam de emboscada com grande quietação e silêncio

Saem, pois, as duas primeiras espias, passeiam de alto a baixo tôda a praia, e como estas acham o campo livre, saem também as da vanguarda, e fazem muito devagar a mesma vigia, e como dão a campanha por segura entram à água e voltam, e depois delas sai tôda a multidão do exército com os escudos às costas, e começam a cobrir as praias e correm em grande tropel para o mais alto delas

Aplica-se cada uma a fazer sua cova, e quando já não saem mais, e estão entretidas umas no trabalho, outras já na dor daquela ocupação, rebentam então os pescadores de emboscada, tomam a parte da praia e remetendo as tartarugas não fazem mais que li virando e deixando, porque em estando viradas de costas não se podem mais bulir, e por isso estas praias e estas tartarugas se chamam de *viração*”

Onde aportassem, aí em breve se congregaria animado núcleo de população, a cujo florescimento se consagravam os missionários.

Não raro, conveniências ulteriores aconselhavam a mudança do povoado, para montante ou jusante, à beira sempre do rio, que lhe garantia as comunicações com os demais centros sociais.

A rêde fluvial orientava as penetrações, que reclamavam obreiros inúmeros.

A Companhia de Jesús, que iniciara a administração das aldeias na Amazônia em 1655, interrompera os seus trabalhos em 61, para só os retomar dezenove anos depois, confessava-se impotente, com a meia centena de catequistas, para tão dilatado território.

BETTENDORFF, ao interpretar os sentimentos dos seus parceiros, solicitou limitação de área, que, examinada por judiciosos conselheiros, daria causa à ordem régia de 19 de Março de 1693 ao governador ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO.

Pelas terras ao sul do rio das Amazonas, operariam os jesuítas, ao passo que as do norte se franqueariam aos padres de Santo Antônio.

Em Gurupá ficariam os religiosos da Província de Piedade, que estenderiam a jurisdição ao Xingú, se o consentissem os seus desbravadores.

O rio Negro e o Urubú reservavam-se aos jesuítas, sem prejuízo dos dois missionários das Mercês, que por lá andavam. Como, porém, minguassem elementos da Companhia, seriam lá substituídos pelos carmelitas.¹¹

Essa distribuição, porém, manifestar-se-ia flexível na execução, pois que rotearam os inacianos o rio Negro acompanhando tropas de resgate, até 1727, em que por lá viajou o padre JOÃO DE SOUSA, ao passo que foram os frades do Carmo que atalharam no Solimões a expansão das Missões do Padre Fritz para o nascente.

Não há, em verdade, como distinguí-los.

Discípulos de Loyola ou Piedosos, Carmelitas ou Franciscanos, todos se internaram mais ou menos profundamente pela Amazônia, com a dupla função de evangelizar e instruir.

Mercê do seu devotamento, o censo de 1720 apurou na Amazônia 54 246 índios aldeados,¹² distribuídos por 63 missões, das quais estavam a cargo dos

jesuítas	19
piadosos	10
carmelitas	15
franciscanos	9
capuchos da Conceição da Beira e Minho	7
mercenários	3

¹¹ F SERAFIM LEITE — *História da Companhia de Jesús no Brasil*

¹² Essa população indígena reduziu-se a 32 751 no decurso do século, conforme indicou o Baião de Gaurajá em *Catequese de Índios no Pará* — Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará — Vol II

Ensino Hábeis administradores, promovem o desenvolvimento das aldeias, do mesmo passo que lhe atendem aos imperativos da educação da infância.

Onde se encontrasse algum missionário disponível, ou simples irmão leigo idôneo, aí se abria aula primária, em que não raro se matriculavam até os adultos.

O índio JACARÉ, principal da aldeia do Mortiguara, deu o exemplo em 1661, ao frequentar a escola que, de tão minguada de recursos, usava tinta indígena e fôlhas de pacoveira à guisa de papel, enquanto a areia supria a carência de lousa.

O ensino secundário baseava-se no Latim (gramática e humanidade), e disciplinas subsidiárias.

JOÃO DE SOUTO MAIOR é o hábil mestre, que vê entre os seus alunos os filhos dos moradores mais graduados e os mesmos religiosos das Mercês, que lhe deram teto hospitaleiro.

Também a Casa da Vigia mantinha curso de Latim, além das primeiras letras.

A instrução superior constava de "Filosofia, Teologia e Casos", em combinação com os colégios do Maranhão.

Entre os graduados, incluiu-se o Dr. JOSÉ MONTEIRO DE NORONHA, que estudou no "Colégio de Santo Alexandre o curso de Latim, Filosofia racional, Retórica, Física, Teologia especulativa e moral, elementos de Geometria etc", de que soube utilizar-se a preceito, como primeiro vigário geral da Capitania do Rio Negro.

O ensino profissional, praticado nas oficinas do Colégio Santo Alexandre, preparava oficiais, de que deu conta a relação de 1718, que "enumerou índios, negros e cafuses, que tinham aprendido as artes ou ofícios de pedreiros, carpinteiros, escultores, torneiro, alfaiate tecelões e carvoeiros".¹³

Mestre de pintura e escultores, procedentes de Portugal, como da França e outros países, aperfeiçoam a técnica dos alunos, cujo aproveitamento rompe da crônica do padre JOÃO DANIELL¹⁴

"No Colégio dos Padres da Companhia na Cidade do Pará, estão uns dois grandes anjos por tocheiros, com tal perfeição, que servem de admiração aos Europeus, e são a primeira obra que fêz um índio daquele ofício.

Na mesma igreja se admiram alguns púlpitos por soberbos nas suas miudezas e figuras obras de outros índios.

O ensino abrangia, pois, ampla escala, do elementar ao de belas artes, bem como as disciplinas indispensáveis aos religiosos.

¹³ P. SERAFIM LEITE — obr. cit.

¹⁴ Eram portugueses os pintores JOSÉ DE MOURA e IR LUIZ CORREIA, natural de Castanheira, e AGOSTINHO ROIZ, de Lisboa.

A JOÃO DE ALMEIDA, francês, e BALTAZAR DE CAMPOS, flamengo, sucedeu o escultor João XAVIER TRARER, natural de Tirol, conforme verificou o P. SERAFIM LEITE, ao trazer-lhe os nomes do olvido em que jaziam.

Seminário Além do “Colégio”, mais especialmente consagrado à educação dos alunos que mostrassem pendores naturais às artes e ofícios, cogitou o padre GABRIEL MALAGRIDA de fundar o “Seminário de Nossa Senhora das Missões”, inaugurado a 16 de Junho de 1749, quando se apresentou a primeira turma de internos, trajados de “beca azul com canhões e estolas encarnadas”.¹⁵

Localizado inicialmente na rua do Açougue, o Seminário transferiu-se para o Largo do Palácio, antes de se anexar ao “Colégio de Santo Alexandre”, onde emudeceu, por ocasião da expulsão dos jesuítas.

Procuravam-no de preferência os moradores distantes, cujos filhos se recolhiam ao internato, para a aprendizagem das primeiras letras, e mais, filosofia e gramática.

Alguns por ventura se acostumariam com as obrigações religiosas, aceitas por espontânea vocação.

A maioria, porém, iria, dispersa pelos sertões, atestar a contribuição dos seus mestres para o engrandecimento cultural da Amazônia, que se espelhava em suas edificações consagradas ao culto religioso.

Inesperado colapso Floresciam as missões, quando FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, com as honras de Capitão General, começou a pôr em prática os dispositivos do regulamento, armado contra o poderio atribuído aos seus mentores, especialmente aos jesuítas.

Astuciosamente começou a minar-lhes a influência, até o golpe final que os afastou da direção espiritual e administrativa dos índios catequizados, submetidos, daí pôr diante ao regime do “Diretório”.¹⁶

A prova, porém, da obra civilizadora dos missionários romperia de episódios contemporâneos, testemunhados pelo próprio irreduzível inimigo dos discípulos de Loyola.

A Capitania recenciada, cujo govêrno lhe cabia inaugurar, como o primitivo nome indicava — S. Jose do Javarí — deveria organizar a sua sede neste rio, onde os jesuítas agremiaram, em 1752, a aldeia de São Francisco Xavier, cujo primado político se restringiu às esperanças alimentadas por ordem régia.

Era o núcleo mais afastado de Belém, que se plantara na faixa raiana, para melhormente garantir-lhe a ocupação como recomendava a Metrópole.

¹⁵ SERAFIM LEITE — *obi cit*

¹⁶ Os jesuítas foram expulsos do Pará por volta de Julho de 1760, em virtude da carta régia de 3 de Setembro anterior, e confiscados os seus bens em que se arrolavam as fazendas pastoris de Marajó, com 134 mil cabeças de gado. Os mercenários, que possuíam 18 000, sofreram igual penalidade em 1794, ao passo que os carmelitas, senhores de 18 000, mantiveram as suas propriedades até o século passado (*Dic. Hist. Etn. Bras.*)

Nada obstante, desprezou MENDONÇA FURTADO os imperativos políticos, e preferiu estabelecer-se em Barcelos, à beira do rio Negro, que passou a figurar no título da Capitania.

O nome, de feitio vernáculo, mal dissimularia as feições indígenas do povoado, à semelhança do que se verificaria nos demais, repentinamente lusitanizados.

Dezenas de aldeias, de cuja administração espiritual se incumbiram os missionários, cumulativamente com a tutoria dos índios, mais ou menos atenuada, por força de preceitos legais de 1684, confirmados em 1706 e 1741, depois de inoperantes experiências de regime diverso, viram-se da noite para o dia erectas em vilas, com bisonhas autoridades, que deveriam cuidar-lhes dos problemas administrativos.

Sòmente a cargo dos carmelitas as 26 povoações que mencionavam em suas estatísticas transformaram-se em 3 vilas, (Barcelos, Moura, Tomar) 9 lugares e 14 aldeias.

Dos jesuítas; a lista arrolará maior número de topônimos, tanto os referidos à página 263 da *Revista Brasileira de Geografia*, n.º 2 do Ano IV, como, entre outros, os seguintes.

Missão de Jamundá — ancestral de	Faro
” ” Urubuquara	Prainha
” ” Cabú	Colares
” ” Caetê	Bragança
” ” Mortiguara	Viveiros
” ” Itacuruça	Vila de Conde
” ” Piravirí	Pombal
” ” Aricari	Sousel
” ” Santo Inácio do Tapajós	Boim
” ” Martapús	Pinhel
” ” Abacaxis	Serpa
” ” Caiá	Monsarás

A campanha contra o linguajar indígena completava os intuitos da provisão de 12 de Outubro de 1727, que vedou o uso da língua geral, instrumento de compreensão entre as várias tribos tupís e os invasores dos seus domínios, que não mais queriam tolerar siquer topônimos de sabor nheengatú.

Decadência As boas intenções de MENDONÇA FURTADO, em relação aos índios, que pretendia incorporar à vida civilizada, com amplos direitos civis, não encontraram ambiente propício à ressonância.

Privados da chefia espiritual, que em geral aceitavam de bom rosto, e da assistência cuidadosa dos seus mestres, conheceram o jugo dos novos diretores, muitos dos quais não os distinguiram do escravo

Revoltados contra os excessos dos seus abusivos senhores, principiaram a desertar, embrenhando-se de novo nas florestas.

E em breve a decadência ensombrou as povoações, como verificaram viajantes fidedignos.

Ao percorrê-las, em sua VIAGEM FILOSÓFICA, denunciou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, o triste resultado da expulsão dos catequistas, cujo afastamento, por longo prazo, causaria lamentável colapso na evolução cultural e religiosa da Amazônia, pois entre êles se contavam professores para o ensino primário, secundário, profissional e até de belas artes, além de eruditos do naipe do padre ALOÍSIO PFEIL, pintor e matemático suíço, que representou em mapa as terras e rios, “desde o Pará até o marco do Cabo do Norte pela costa, sita aquém do rio de Vicente Pinzon, e pelo rio das Amazonas arriba, até onde chega o distrito desta conquista do Estado do Maranhão”.¹⁷

Contribuição dos geógrafos Na ausência dos missionários, que também serviam de mestres, tanto nas classes primárias, como por vezes em outras, mais elevadas, entraram a colaborar para o alteamento do nível de cultura da Amazônia os viajantes, encarregados de perlustar-lhes as terras extremenhas.

A começar de ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, naturalista baiano, comissionado pelo govêrno português para auscultar a vida amazônica, em suas mais diversas modalidades, da economia às práticas religiosas, da medicina às questões de limites.

No decurso de trabalho decênio, de 1783 a 1792, roteou os rios fronteiriços, como o Negro, o Branco, o Madeira, atento às peculiaridades regionais, que registou em dezenas de monografias .

Simultaneamente, quem lhe solicitasse, ouvir-lhe-ia ensinamentos acêrca da cultura de plantas úteis, de navegação, de higiene e arte de construção.

Não será duvidoso que tenha contribuído para melhorar alguma técnica eficiente na Amazônia, onde na mesma época operariam engenheiros e astrônomos da classe de SILVA PONTES e LACERDA E ALMEIDA, antes de continuarem a sua peregrinação até Mato Grosso, e JOSÉ SIMÕES DE CARVALHO e JOAQUIM VITÓRIO que não ultrapassaram as cachoeiras do rio Madeira.

Como FERREIRA no último quartel do século XVIII, CORREIA DE LACERDA no primeiro do seguinte aplicar-se-ia a devassar os mistérios da Amazônia, especialmente os relativos à botânica, zoologia e medicina.

Dezenas de manuscritos, aquilatados favoravelmente por L RIEDEL, legou aos pósteros, com o mesmo infortúnio do seu predecessor, que não logrou vê-los em letra de fôrma.

¹⁷ Esse mapa, que o superior de Maranhão, P Jônoco PERES, levou para Lisboa, em 1685, consoante apuiu o P SERAFIM LEITE, em suas minuciosas pesquisas, seia anterior ao de FRITZ, que entretanto, logrou a prioridade, por vir a lume, enquanto o outro permanece na penumbra dos arquivos, se é que não se extraviou e sumiu irremediavelmente

Melhor fortuna acolheu os naturalistas forasteiros, a começar de MARTIUS, salvo de naufrágio em Santarém, para cuja igreja, em preito de gratidão, enviou artística reprodução de *Cristo na Cruz*, de A. DURER.

Para a publicação de sua obra monumental concorreu generosamente o governo de D. Pedro II, que igualmente auxiliaria AGASSIZ.

Chefe acatado da Expedição Thayer, buscou em 1865 o sábio suíço americanizado provas da sua doutrina sôbre geleiras na Amazônia. E se as suas conclusões foram contestadas pelos próprios discípulos, nem por isso desmereceu a contribuição opulenta das suas colheitas de zoólogo sagaz.

Acompanhado por SILVA COUTINHO, que lhe facilitou melhor entendimento daquelas paragens, teve a sorte de ver as suas pesquisas continuadas por C. F. HARTT, — o fundador da atual geologia do Amazonas, — no feliz conceito de F. KATZER, por O. A. DERBY, H. SMITH e tantos outros, em cujo exemplo DOMINGOS SOARES FERREIRA PENA procuraria inspirar-se em sua perseverante dedicação à Amazônia.

Minguado de formação científica, de princípio, conseguiu, pelo esforço próprio, como J. BARBOSA RODRIGUES — outro encantado por aquela região, emparcerar-se com os maiores sabedores, que lhe prezavam as contribuições de valia.

Todos êsses naturalistas, a que se ajuntariam W. H. EDWARDS, e na sua esteira, observadores do vulto de A. R. WALLACE e H. W. BATES, e tantos outros, cooperariam para disseminar germens de cultura, que iriam frutificar em ocasião oportuna, evidenciada por empreendimentos de finalidades culturais, em Belém e Manaus.

Museu Paraense De origens modestas, o Museu que se notabilizou em Belém, com intuítos científicos, resultou da iniciativa particular de abnegados estudiosos das peculiaridades amazônicas, entre os quais se extremava pelo seu saber DOMINGOS S. FERREIRA PENA, a quem coube a presidência da nascente associação cultural.¹⁸

Reuniram-se no próprio Palácio do Govêrno, onde combinaram fundar a Sociedade Filomática, destinada a organizar e manter o Museu Paraense, no qual se conservassem as preciosidades arqueológicas e etnográficas regionais.

Abrasados de entusiasmo criador, festejaram-lhe a inauguração em Abril de 1867, e solicitaram auxílio de quantos pudessem contribuir para o aumento das coleções, que não tardaram em atrair a atenção dos sábios ou curiosos visitantes.

¹⁸ DOMINGOS S. FERREIRA PENA — Arqueologia e Etnografia — *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia* — n.º 1 — vol. I — setembro de 1894

O crescimento rápido acentuou a carência de recursos financeiros, indispensáveis a tais encargos, que o governo provincial encampou em 71, para o transformar, sem melhor êxito, em repartição oficial, diminuída, dois anos depois, a simples secção do Liceu Paraense.

Desmereceu do nome pomposo, para se arrastar inglôriamente até que no derradeiro ano da monarquia lhe foi proposta a supressão.

Como a Fênix lendária, renasceria na arraiada republicana, quando o governo estadual decidisse protegê-lo convenientemente.

Coube a JOSÉ VERÍSSIMO proferir o discurso de inauguração, a 13 de Maio de 1891, do Museu restaurado, que receberia maiores estímulos de LAURO SODRÉ, cuja cultura científica bem podia compreender a vantagem de sintetizar, em instituto apropriado, os esplendores da natureza amazônica pela maior variedade possível dos seus aspectos.

O Museu, não obstante remodelado, carecia de orientação eficiente para atuar como fator cultural de alta classe.

Por isso, o jovem governante, embebido de sadio idealismo, decidiu ampliar-lhe as atividades, adstritas à direção de abalizado naturalista.

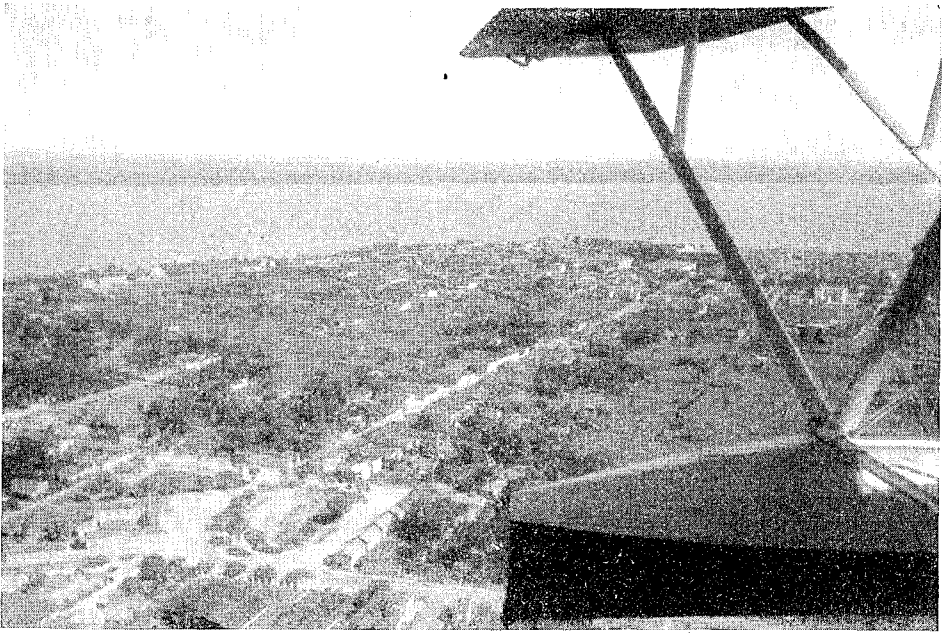
Convidado a propósito, o Dr. EMÍLIO AUGUSTO GOELDI, que já tinha perlustrado outras regiões do Brasil, saltou pela primeira vez em Belém a 12 de Junho de 1894.

E com escolhidos colaboradores, devotados igualmente à ciência, conseguiu transformar a mofina instituição em centro eficiente de pesquisas distribuídas por 4 secções:

- 1 — zoologia e ciências anexas (anatomia e embriologia comparadas).
- 2 — botânica
- 3 — geologia, paleontologia e mineralogia
- 4 — etnologia, arqueologia e antropologia

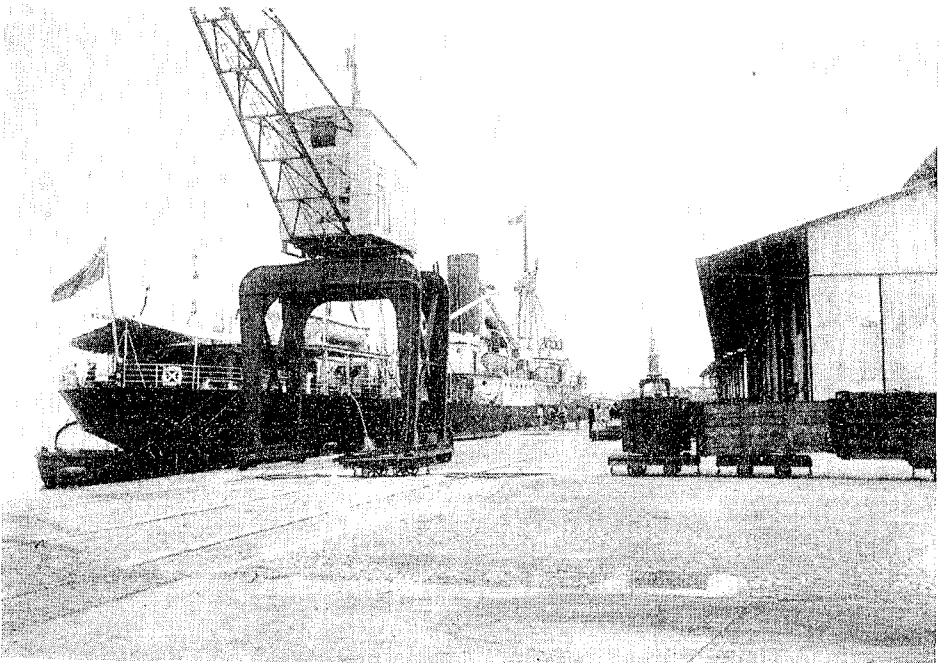
E como a situação financeira permitisse maiores verbas e empreendimentos culturais, o Museu Paraense em curto prazo conquistou admirável prestígio, mercê das monografias de seus naturalistas, estampadas no *Boletim*, cujo primeiro número veio a lume em Setembro de 1894.

A flora, a fauna, a geologia e vários outros aspectos regionais proporcionaram assunto aos pesquisadores, que não somente cuidavam de aprofundar os conhecimentos científicos em sua especialização, como ainda aconselhavam melhores métodos na exploração das riquezas naturais da Amazônia.



Vista aérea de Belém

Foto coleção "Panahi do Brasil"



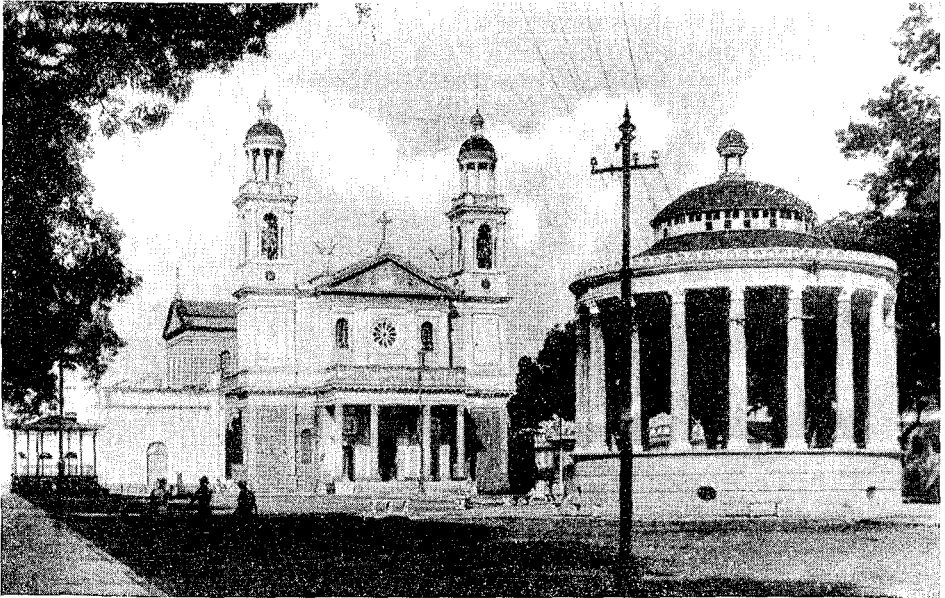
Vista do porto de Belém

Foto B A BASTOS



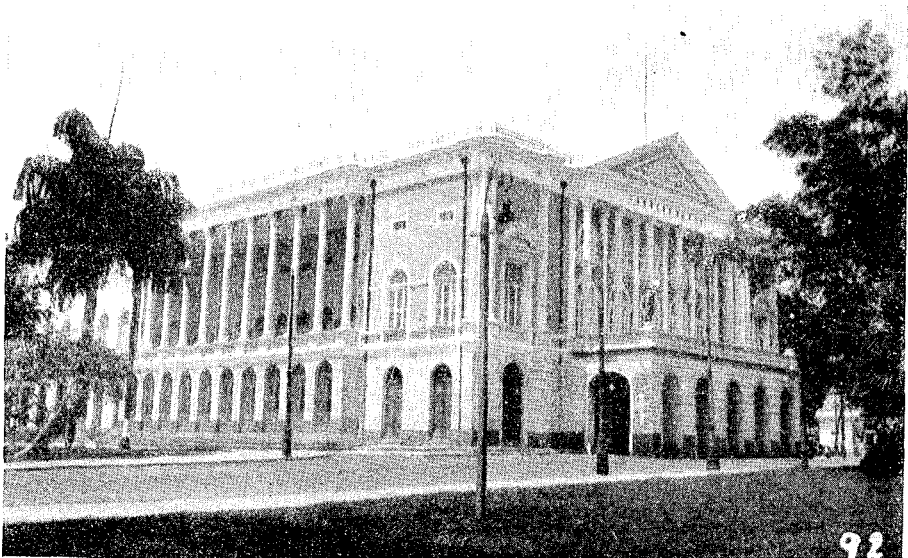
Belém — A catedral

Fototeca do C N G



Belém — A tradicional Basilica de Nazaré, onde se realiza, anualmente, com numerosa assistência, a conhecida "Festa do Círio"

Fototeca do C N G



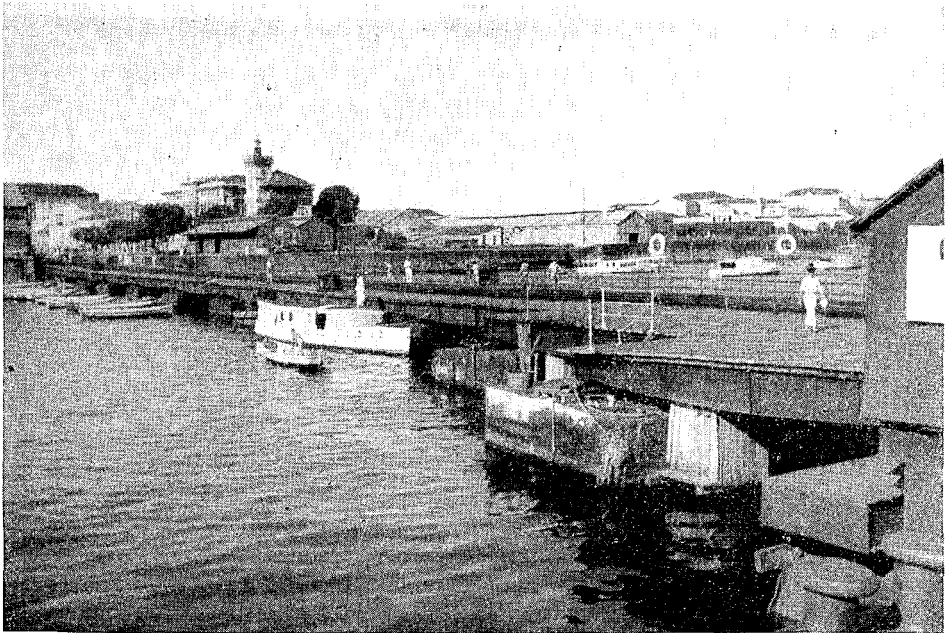
Belém — O belo e amplo Teatro da Paz

Fototeca do C.N.G.



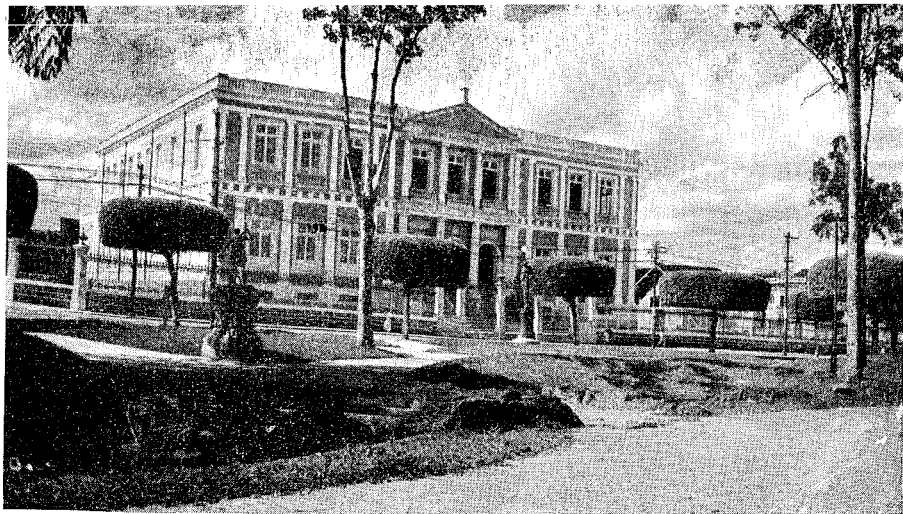
Belém — O edifício construído pela Companhia Port of Pará para a sua gerência em Belém e a dos serviços de navegação do Amazonas é, ainda hoje, uma das mais importantes edificações da capital paraense

Foto coleção "Panair do Brasil"

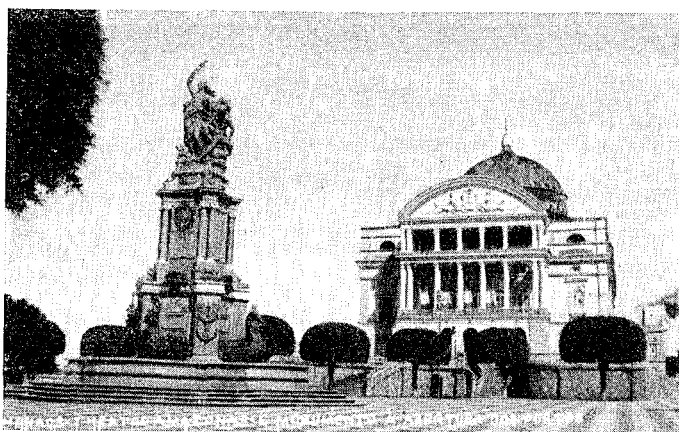


Em virtude do grande desnível das águas, o cais acostável de Manaus foi construído sob a forma de três grandes e poderosos flutuantes

Foto coleção "Panair do Brasil"



Ginásio Amazonense, onde atua selecionado grupo de professores
Foto da Divisão de Turismo do D I P



Teatro Amazonas e Monumento à Abertura dos Portos
Neste teatro nos áureos tempos, atuavam companhias
líricas, vindas especialmente da Europa
Fototeca do C N G



A catedral de Manaus

Fototeca do C.N.G.

E tão inteiramente aplicou o primeiro diretor o seu saber ao engrandecimento do Instituto, que, por decreto de 31 de Dezembro de 1900 o governo do Estado decidiu dar-lhe o nome de "Museu Goeldi", que ainda manteve, ausente embora o seu patrono, a nomeada adquirida pela alta valia das suas contribuições científicas.¹⁹

Depois de 1910, todavia, começou a deprimir-se a economia paraense, que a indústria seringueira, em colapso, já não poderia amparar.

A penúria resultante refletiu-se no Museu, cujas despesas de conservação avultavam sobremaneira, depois da fundação do Jardim Zoológico e Horto Botânico, em que se reuniram as espécies características da região.

A desproporção dos gastos com as disponibilidades orçamentárias impôs a redução de atividades, que tão proveitosas tinham sido à cultura e economia da Amazônia.

Em consequência, o Museu emudeceu, conservando-se apenas como passeio atraente aos viajantes curiosos.

E quando despertou, trouxe, no limiar do *Boletim* (vol. IX), o decreto de 3 de Novembro de 1931, em que o Interventor Federal,

"considerando que o Museu Goeldi foi fundado com a denominação de Museu Paraense"

"que a sua denominação atual é uma justa homenagem ao notável cientista EMÍLIO AUGUSTO GOELDI, que tanto o engrandeceu, resolveu.

"O departamento estadual de História Natural e Etnografia passa a denominar-se "Museu Paraense Emílio Goeldi".²⁰

Já não exibia, porém, o mesmo viço doutroira, quando começaram os seus obreiros a devassar os mistérios da natureza amazônica.

Ao revés, permanecia o desânimo, causado pela desvalorização da borracha, e conseqüente depressão da economia paraense, a que se referia PAUL LE COINTE, lembrado ainda de vitoriosas campanhas científicas de que participara com entusiasmo.

"Malheureusement, M. J. HUBER étant mort récemment, il semble que le Gouvernement actuel (1914-1916), désorienté par la situation financière générale, ne donne plus au Musée qui tant honore le

¹⁹ Além de 5 Boletins, o Museu publicou 4 Memórias de maior porte, e, mais, *Album de Aves Amazônicas* do Dr. Emílio A. Goeldi e *Arboretum Amazonicum* do Dr. J. Huber.

²⁰ Nesse número do *Boletim* (vol. IX, de 1933), a diretoria explica o seu longo silêncio "Depois de um prolongado letargo de quase vinte anos, uma verdadeira eternidade para os que estavam acostumados a se dessedentar na linha cultural dos seus ensinamentos, volta novamente às lidas da ciência esta conhecida e reputada publicação

A ideia de que pudesse ter desaparecido para sempre, era dolorosa demais para ser aceita. Daí, as constantes interrogações recebidas por esta Diretoria sobre quando ela voltaria de novo a circular"

Pará, l'appui matériel et moral que ses prédécesseurs ne lui ménageraient point, et que, même au prix de gros sacrifices, ou devrait lui continuer".²¹

De análoga maneira, diria mais tarde CARLOS ESTÊVÃO, ao historiar os esplendores e declínio da instituição, a que se esforça, como diretor, de insuflar novo alento: "abandonado pelos poderes públicos e sem o calor dos cientistas que lhe deram nome, o Museu foi pouco a pouco entrando em letargia, até que, finalmente, adormeceu de todo."²²

Museu Botânico A exemplo do que praticara Belém, em matéria de ciências naturais, que alí tiveram o seu estudo honrado de maneira admirável, quando a indústria seringueira amparava, com as receitas, a que dava causa, empreendimentos culturais em que se revelava o saber de zoólogos, botânicos, etnógrafos e geólogos de renome, também Manaus quis evidenciar iguais pendores.

E confiou a J. BARBOSA RODRIGUES que já grangeara nomeada de naturalista perspicaz, a incumbência de formar o Museu Botânico regional, de que foi o primeiro diretor.

Inaugurado a 16 de Fevereiro de 1884, divulgava as suas pesquisas pela revista *Vellozia*, da qual vieram a lume dois volumes.

E como escasseassem os recursos necessários ao prosseguimento de investigações científicas, empreendeu BARBOSA RODRIGUES a "pacificação dos Crichanás, no rio Jauaperí, afluente do rio Negro"²³ que lhe proporcionaria ensejo de aumentar para 1 103 objetos a sua coleção antropológica, além de 1 283 espécies recolhidas ao herbário

Mas quando Belém se preparava para festejar a restauração do seu Museu, em que atuariam naturalistas de prol, Manaus consentia na extinção do estabelecimento, a que BARBOSA RODRIGUES dedicou perseverantes energias, suplantadas por dificuldades financeiras

E, assim, desapareceu, por decreto de 25 de Abril de 1890, a promissora instituição, que apenas comemorou o sexto aniversário de existência.

Bibliotecas Antes que surgisse o Museu Paraense, graças ao entusiasmo criador de FERREIRA PENA, já atuava, como índice de tendências culturais, a Biblioteca Pública, de que era também diretor o sábio mineiro de Mariana, que se transplantou em 1858 para Belém.

Com a trajetória assinalada por épocas de fulgor e sombras, lei de 31 de Maio de 1894 ordenou que se lhe juntasse o arquivo da Secretaria do Governo, referente "aos antigos Estados e Capitánias do Grão Pará e Rio Negro".

²¹ Dos naturalistas estrangeiros, que mais contribuíram para o florescimento do Museu Paraense, E GOELDI resignou o cargo, ao partir, a 22 de março de 1907, para a Europa, onde faleceu, dez anos depois, a 8 de Julho, em Beina. O seu substituto, JACQUES HUBER, pececeu a 17 de fevereiro de 1914, abatido por fatal apendicite em Belém.

A DRA EMILIA SNETHLAGE, a quem tocou a direção do estabelecimento científico, de cujos trabalhos já participava, também se ausentou, atalada pelo Museu Nacional.

²² CARLOS ESTÊVÃO — Resumo Histórico do Museu Paraense Emilio Goeldi — *Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — n.º 2 — 1938

²³ ANÍSIO JOBIM — *A intelectualidade no Extremo Norte* — 1934

Do acervo acrescido, resultou a conveniência da criação do "Arquivo Público" e sua anexação à Biblioteca, decretada a 16 de Abril de 1901.

Como as circunstâncias do momento lhe fôsem propícias, não tardou a publicação dos *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*, em que veio a lume excelente documentação relativa à história e geografia da Amazônia juntamente com valiosos ensaios contemporâneos.²⁴

Conclusão Empolhada à sombra das igrejas, a instrução popular na Amazônia prosperou com as atividades missionárias, que foram pontilhando de núcleos de condensação humana as margens do rio portentoso e seus tributários, da direita como da esquerda.

Esmoreceu,²⁵ quando POMBAL de lá afastou os catequistas, que se gloriavam de ter tido por chefe, na quadra mais luminosa da luta contra os escravizadores de índios, a eloquência grandiloqua do padre VIEIRA.

Assim irmanadas, de princípio, a evolução cultural acompanhou a decadência da religiosa, que, atalhada de golpe, só morosamente lograria reconquistar as perdidas posições.

Os problemas políticos do primeiro Reinado, a que sucederam as convulsões da Regência, engravadas pela Cabanagem, retardaram o restabelecimento de ambiente adequado à atuação de forças espirituais,²⁶ a cuja expansão a República proporcionaria condições favoráveis, em moldes diferentes das que vigoravam no regime anterior à separação da Igreja e do Estado.

²⁴ Manaus também possui a sua Biblioteca Pública

²⁵ "Depois de instalada a província, com o desmembramento do Amazonas da província do Pará, (1852) escreveu ANÍSIO JOBIM, só falava o português a gente civilizada, ou, como diz LOURENÇO DE ARAÚJO E AMAZONAS, a aristocracia dos povoados, que se sentava no chão e comia com os índios, assimilando-lhes os costumes. Ainda em 1854, observou WILKEN DE MATOS que as mulheres de São Paulo de Olivença acanhavam-se de falar o português, comunicando-se em língua geral, que era a dos seus maiores

Mais recentemente, atestou CURT NIEMUENDAJU:

"Exceção feita dos adventícios na presente geração, toda a população civilizada do município de São Gabriel, branca, mestiça ou índia usa entre si a língua geral".

ANÍSIO JOBIM — *ubi cit*

Quanto ao Pará, depõe TEODORO BRAGA:

"Com a expulsão, em 1758, dos frades da Piedade e dos religiosos da Beira e Minho, o ensino público perdeu consideravelmente, e no ano seguinte, com a expulsão dos jesuítas, a instrução pública chegou a descer ao seu último degrau de abandono".

²⁶ Entre os chefes da Igreja na Amazônia extremaram-se, pelas suas virtudes e saberes, D ROMUALDO ANTÔNIO DE SELXAS no período da Cabanagem e posteriormente, e D ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, uma das eminentes vítimas da Questão Religiosa

Quanto aos outros cultos, o *Dicionário Histórico, Geográfico, Etnográfico do Brasil* na parte referente ao Estado do Pará, informa

"A Igreja Protestante foi fundada em Belém a 1 de julho de 1883 pelo cidadão norte-americano DR JUSTUS H NELSON, sob a denominação de Igreja Metodista

A segunda, em 1897, foi a Igreja Batista. Em 1902, foi organizada em Belém, a Igreja Presbiteriana

Os israelitas mantêm duas sinagogas

Essas religiões tem-se espalhado pelo interior do Estado, conseguindo a primeira fazer inúmeros adeptos em todas as classes sociais".

Em relação ao Amazonas, afirmou o mesmo *Dicionário* "Quase toda a população do Estado professa a religião católica apostólica romana

Em Manaus vivem algumas centenas de cristãos protestantes que mantêm dois pequenos templos".

Depois de 1889, o ensino leigo desenvolveu-se, quanto o religioso, mantido por novas congregações, muitas das quais substituíram as veteranas, da fase heróica.

As condições promissoras da Amazônia atraíram aventureiros e doutos, que lhe imprimiram às duas capitais aspectos admiráveis de cultura.

Tanto Manaus como Belém aprimoraram-se às maravilhas em sua garridice, mercê de proveitosa emulação, que as engrandeceu.

Espelhando o entusiasmo transbordante da população, abriram-se avenidas e praças, ladeadas de edifícios, que testemunham a opulência promotora de suas construções.

O "Teatro da Paz", de Belém, e o do "Amazonas" em Manaus, concretizaram por elegantes linhas arquitectônicas altas aspirações culturais, como igualmente as suas Igrejas, entre as quais mais de uma denota réquintes artísticos.

A tais manifestações por assim dizer materiais da cultura, corresponderam as puramente de ordem intelectual, proporcionadas pelas associações literarias e científicas,²⁷ e, sobretudo, pela Imprensa.

Índice fiel do nível mental do povo que a mantenha, nela se lhe espelham os ideais e interesses orientadores de sua existência.

E os diários e revistas de Belém²⁸ e Manaus, especialmente na época faustosa da indústria da borracha, atraíram escritores de nomeada, com os quais se emparceiraram os estreitantes regionais, predestinados a luminosa trajetória.²⁹

A desvalorização do produto, na quadra imediata, não deixaria de causar-lhe ruidoso abatimento, de que se vai ressarcindo esforça-

²⁷ A Sociedade Amazonense dos Homens de Letras, fundada em Manaus, a 1 de Janeiro de 1918, transformou-se, a 28 de Março de 1920, em Academia Amazonense de Letras

O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas organizou-se a 23 de Março de 1917

Semelhantes instituições, de finalidades culturais, também viçam em Belém, onde o Instituto Histórico e Geográfico do Pará surgiu a 6 de Março de 1917, "sob os auspícios do segundo governo de LAURO SODRÉ", para comemorar o primeiro centenário da "inolvidável revolução pernambucana"

²⁸ Entre os diários de Belém, conquistou bilhante nomeada a *Folha do Norte*, que se emparceirava com os melhores do Brasil, pela sua aprimorada orientação literária

Dezenas de outros, tanto no Pará, como também em Manaus, forcejavam por lhe imitar o exemplo

²⁹ Muitos escritores, que revelaram os seus pendores literários na Amazonia, foram desenvolvê-los em outras paragens, como o historiador J LÚCIO DE AZEVEDO, que se mudou para Lisboa, JOSÉ VERÍSSIMO, primaz da crítica literária no Rio de Janeiro do seu tempo, HUMBERTO DE CAMPOS igualmente galardoado pela Academia de Letras, que o acolheu em seu seio, e tantos outros que ainda honram o jornalismo carioca, a exemplo dos fundadores da Academia Amazônica de Letras, que de lá se afastaram: BENJAMIN LIMA, RAUL AZEVEDO, J F DE ARAÚJO LIMA

damente,³⁰ em correspondência com a redenção econômica da Amazônia, para onde se voltam as atividades progressistas de novos cooperadores do seu engrandecimento.

RESUMÉ

L'étude de l'évolution culturelle et religieuse de l'Amazonie faite par l'ingénieur VIRGILIO CORREIA FILHO, Assistant Technique du Conseil National de Géographie, commence par l'examen de l'influence qui ont eu les Églises des Missionnaires et les premières écoles primaires qui y ont pris naissance.

Comme la politique de Pombal était contraire à l'expansion de la catéchèse, laquelle était le véhicule de l'enseignement, celui-ci en éprouva une grande décadence.

Les problèmes politiques du premier Empire, auxquels ont succédé les convulsions de la période de la Régence, ont retardé le rétablissement d'une situation favorable à l'action des forces spirituelles, qui n'a été atteinte qu'à l'avènement de la République, laquelle mis une fin à la séparation entre l'Église et l'État.

Après 1889, l'enseignement laïque s'est développé autant que le religieux. Celui-ci était maintenu par de nouvelles Congrégations, dont plusieurs ont substitué les anciennes, de la phase héroïque, comme celles des Jésuites, dont la coopération a garanti la conquête de l'Amazonie et l'incorporation des indigènes à la civilisation.

Les richesses de cette région ont attiré des aventuriers et des savants qui donnaient aux deux capitales des aspects admirables de culture. Aussi bien Belém que Manaus, se sont efforcées pour atteindre le plus haut degré de progrès.

Le "Théâtre de la Paix" de Belém et celui de "l'Amazone" de Manaus, par l'élégance de leurs lignes, constituent une preuve des hautes aspirations culturelles. Quelques Églises témoignent aussi le goût pour l'art raffiné.

³⁰ O surto intelectual da Amazônia, na atualidade, expressa-se, além das instituições culturais, acima referidas, pelo esforço aplicado na educação da mocidade, denunciado pelos números seguintes:

Anuário Estatístico do Brasil — Ano V — Dados referentes à "matricula efetiva" em seus estabelecimentos de ensino

UNIDADES FEDERADAS	1935	1936	1937
Pará	74 145	80 658	95 584
Amazonas	38 186	36 918	37 333
Acre	3 793	4 599	3 848

Os alunos distribuíram-se por várias categorias de ensino a saber:

ENSINO	PARÁ			AMAZONAS			ACRE		
	1935	1936	1937	1935	1936	1937	1935	1936	1937
Primário	69 718	75 959	90 239	35 107	33 246	31 725	3 313	4 110	3 269
Secundário	1 070	1 340	1 689	619	737	866	34	33	19
Doméstico	506	395	611	300	281	1 185	266	222	328
Industrial	418	407	522	203	350	290	—	—	—
Comercial	917	838	822	536	608	699	—	—	—
Artístico	113	189	237	158	269	370	134	154	189
Pedagógico	655	696	783	443	463	725	37	44	40
Superior	443	447	406	176	301	325	—	—	—
Outras categorias	305	387	275	644	660	1 148	9	6	3

Em 1938, o resultado constante do 2º volume do *O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Educação*, acusa os números abaixo:

ENSINO	Pará	Amazonas	Acre
Primário	115 756	36 547	4 870
Secundário	2 204	867	—
Doméstico	545	1 066	445
Industrial	555	350	—
Comercial	960	849	—
Artístico	366	490	140
Pedagógico	793	651	—
Superior	382	340	—
Outras categorias	396	1 218	2

A côté de ces manifestations, pour ainsi dire matérielles de la culture, existaient aussi celles purement spirituelles comme les institutions littéraires et scientifiques et, surtout, la presse. Le musée de l'État du Pará, dont les publications scientifiques ont mérité l'attention des meilleures Universités du monde, est devenu célèbre, ainsi que le musée botanique de Manaus, où travaillait le fameux naturaliste BARBOSA RODRIGUES.

La dévalorisation du caoutchouc, survenue plus tard, a laissée son empreinte fâcheuse, laquelle seulement maintenant commence à s'effacer, en vertu d'une nouvelle concentration d'efforts qui tendent au développement de cette région.

RESUMEN

La evolución cultural y religiosa de Amazonia, estudiada en el presente artículo por el Sr VIRGILIO CORREIA FILHO, Asistente Técnico del Consejo Nacional de Geografía, empezó a la sombra de las iglesias misioneras, a que se agregaron las primeras escuelas primarias.

Como se hallaban hermanadas, la enseñanza acompañó la decadencia religiosa, resultante de la política de Pombal hostil a los catequistas.

Los problemas políticos del primer Reinado, a que se siguieron las convulsiones del período regencial, retardaron el restablecimiento del ambiente propicio a la actuación de fuerzas espirituales, a cuya expansión la República proporcionaría condiciones favorables, en moldes diferentes de las que habían vigorado antes de la separación de la Iglesia y del Estado.

Después de 1889, la enseñanza laica se desarrolló como la religiosa, mantenida por nuevas Congregaciones, muchas de las cuales substituyeron las veteranas, de la fase heroica, en que se han extremado los jesuitas, cuya cooperación garantizó la posesión de Amazonia e incorporación de los salvajes a la convivencia de los civilizados.

Las condiciones promisorias de la región atrajeron aventureros y sabios, que le han imprimido a las dos capitales aspectos admirables de cultura.

Tanto Manaus cuanto Belém se han apimorado a las maravillas en su belleza, merced de provechosa emulación que las engrandeció.

El "Teatro de Paz", de Belém, y el de "Amazonas", de Manaus, han concretizado por elegantes líneas arquitectónicas altas aspiraciones culturales, como igualmente sus iglesias, entre las cuales más de una demuestra requintes artísticos.

A tales manifestaciones a bien decí materiales de cultura, corresponden las puramente de orden intelectual, que han sido proporcionadas por las instituciones literarias y científicas y, sobretodo por la prensa.

El Museo Paraense, cuyas publicaciones se han tornado apreciadas en los mayores centros universitarios por su contenido científico, obtuvo gran notoriedad, como también el Museo Botánico de Manaus, adonde ha pontificado el naturalista BARBOSA RODRIGUES.

La desvalorización de la goma, en cuadro ulterior, no dejaría de causar ruidoso abatimiento, de que se fué resaciendo con esfuero, en correspondencia con la salvación económica de Amazonia, para donde se vuelven las actividades progresistas de nuevos cooperadores de su engrandecimiento.

RIASSUNTO

L'autore, VIRGILIO CORREIA FILHO, assistente tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia, studia l'evoluzione culturale e religiosa dell'Amazzonia, che s'iniziò colle chiese missionarie, alle quali erano unite le prime scuole elementari.

Associato con la religione, l'insegnamento ne accompagnò la decadenza, determinata dalla politica di Pombal, ostile ai catechisti.

I problemi politici del Primo Regno, seguiti dalle convulsioni del periodo della Reggenza, ritardarono la formazione di un ambiente favorevole per l'azione delle forze spirituali. Si ristabilirono condizioni più propizie con la Repubblica, con tendenze, però, diverse da quelle che dominavano prima della separazione della Chiesa dallo Stato.

Dopo il 1889, si sviluppaiono così l'insegnamento civile come il religioso, quest'ultimo organizzato da nuove congregazioni che in gran parte sostituirono quelle antiche, della fase eroica, in cui si erano distinti i gesuiti, favorendo con la loro cooperazione la stabile conquista dell'Amazzonia e la partecipazione degli indigeni alla civiltà.

Le risorse della regione attrassero avventurieri e studiosi, che dettero impronta intellettuale alle due capitali.

Belém e Manaus si abbellirono e crebbero, con spirito di reciproca emulazione. Sorsero, così, il "Teatro della Pace" di Belém e il "Teatro delle Amazzoni" di Manaus, entrambi di eleganti linee architettoniche, e numerose chiese, alcune delle quali notevoli dall'aspetto artistico.

Furono anche create istituzioni letterarie e scientifiche e si sviluppò la stampa. Raggiunsero alta rinomanza il Museo Paraense, le cui pubblicazioni scientifiche sono apprezzate nei maggiori centri universitari, e il Museo Botanico di Manaus, dove lavorò il naturalista BARBOSA RODRIGUES.

La caduta del prezzo della gomma determinò nell'Amazzonia una forte depressione, dalla quale la regione comincia ora a risollevarsi, mercé il suo sforzo e mercé la cooperazione esterna per il suo risorgimento e progresso economico.

SUMMARY

Cultural and religious evolution, as studied in the present article by Mr VIRGILIO CORREIA FILHO, has started under the protection of the missionary churches, to which the first primary schools were attached

As if hand in hand, instruction accompanied the religious decline resulting from the pombaline hostility to the catechizers

Political problems of the first Kingdom, to which followed the upheavels of the Regency period, have retarded the re-establishment of an atmosphere propitious to the working influence of the spiritual forces For the expansion of these forces, however, the Republic would provide favorable conditions in a fashion different from that prevailing before the separation of the Church from the State

After 1889, lay teaching developed parallel to the religious education maintained by new Congregations, many of which replaced the old veteran institutions of the heroic stage in which the Jesuits distinguished themselves by a cooperation which made sure the possession of the Amazonia and incorporated the natives to the civilized people

The promising conditions of the region attracted many adventurers and the learned who impressed upon the two capitals peculiar patens of culture

Both Manaus and Belem have been admirably improved in their handsomeness thanks to a profitable emulation which made possible their advancement

The "Theatre da Paz", in Belem, and the "Amazonas Theatre", in Manaus, by their elegant architectural lines furnish concrete examples of lofty aspirations after culture This is true also of the churches, among which more than one there exhibits artistical refinement

Such material evidences of culture are, so to speak, matched by those of a purely intellectual order arising from the literary and scientific institutions and chiefly from the press

Both the "Museum Paraense", credited in the largest university centers with praise for its publications, and the "Botanical Museum of Manaus", in which the naturalist BARBOSA RODRIGUES was an outstanding figure, have become famous

Rubber deprecation at a later period would not fail to cause a disturbing fall from which the staple is now vigorously recovering to cope with the economical redemption and development of the Amazonia, thanks to the progressive activities of new collaborators

ZUSAMMENFASSUNG

Die kulturelle und religiöse Entwicklung von Amazonien, welche in diesem Artikel von Herrn Dr. VIRGILIO CORREIA FILHO, technischer Beirat des Nationalen Rates für Erdkunde, studiert wird, hatte seinen Anfang im Schatten der Kirchen der Missionäre, die an dieselben Kirchen die ersten Volksschulen angliederten

Da eng mit dem Leben der Kirchen verbunden, begleitete der Unterricht den Niedergang der religiösen Entwicklung, welche ein Resultat der Politik Pombals, die den Missionären feindlich gegenüberstand, war

Die politischen Probleme des ersten Kaiserreiches, denen die Wirren der Regentzeit folgten, verzögerten die Wiederherstellung einer Lage die der Entwicklung der geistigen Kräfte günstiger war und erst die Republik schaffte solche Zustände, aber in einer anderen Form als in der die in der Zeit vor der Trennung von Kirche und Staat vorhanden war

Seit 1889 hat sich der weltliche Unterricht entwickelt, während die Schulen von neuen Orden ausgehalten, die ihrerseits an stelle der früheren geistlichen Orden getreten sind. Unter diese muss man besonders den Orden der Jesuiten erwähnen, die als erste die Wilden zivilisierten und dadurch Amazonien der Entwicklung öffnete

Die vielversprechende wirtschaftliche Lage zog Abenteurer wie auch Gelehrte an denen es gelang in den beiden Hauptstädten wahre Kulturwerke zu schaffen

Manaus wie auch Belém wurden wahre Wunderstädte des Luxus dank des Reichtums der dorthin floss

Das "Teatro da Paz" in Belém und das "Teatro do Amazonas" in Manaus zeigten in ihren eleganten architektonischen Linien die hohen kulturellen Ansprüche, welche auch durch die Kirchen mit ihren künstlerischen Feinheiten bewiesen wurden

Diesen, sozusagen, materiellen Beweisen der Kultur entsprechen auch die reinen intellektuellen, durch die literarische und wissenschaftliche Vereine und besonders durch die Presse bestehend

Das "Museu Paraense" dessen Veröffentlichungen durch ihren wissenschaftlichen Wert von den grössten Universitäten hochgeschätzt wurden wie auch das botanische Museum in Manaus, wo der grosse Naturalist BARBOSA RODRIGUES gewirkt hat, sind ein weiterer Beweis der hohen kulturellen Entwicklung dieser Gegend

Die Entwertung des Gummis hat auch auf diesem Gebiet einen enormen Niedergang zur Folge und erst in letzter Zeit ist eine Hoffnung auf neues Leben mit dem Neu-Aufleben der Wirtschaftslage Amazoniens entstanden, gegündet durch frische Tätigkeit und Massnahmen der Regierung, welche alles tut um diesem vielversprechendem Aufstieg zu helfen

RESUMO

La kultura kaj religia evoluado de Amazonio, studata en la nuna artikolo de S-ro VIRGILIO CORREIA FILHO, Teknika Asistanto de la Nacia Konsilantaro de Geografio, komenciĝis en la ombro de la misiistaj preĝejoj, al kiuj aneksiĝis la unuaj unuagataj lernejoj

Ĉar ili estis parigitaj, la instruado akompanis la religian dekadencan rezultantan el la Pombala politiko malamika al la katekistoj

La politikaj problemoj de la unua Reĝeco, kiun sekvis la konvulsioj de la regenteca periodo, proklastis la restarigon de la atmosfero favora al la agemo de spilitaj fortoj, al kies ekspansio la Respubliko faciligus favorajn kondiĉojn, laŭ modeloj diferencaj de tiuj, kiuj validis antaŭe al la apartigo de la Eklezio de la Stato

Post la jaro 1889a la laika instruado disvolviĝis tiom, kiom la religia, subtenita de novaj Kongregacioj, el kiuj multaj anstataŭis la veteranajn de la heroo fazo, en kiu distingiĝis la jezuitoj, kies kooperado garantiis la posedon de Amazonio kaj la enkorpon de ties sovaĝuloj al la kunvivado de la civilizitoj

La promesantaj kondiĉoj de la regiono allogis la aventuistojn kaj kleulojn, kiuj transdonis al ĝiaj du ĉefaj administraj aspektoj de kulturo

Kaj Manaus kaj Belém mihinde plibeliĝis en sia koketeco, dank' al profita superemo, kiu ilin pligrandigis

La "Teatro de la Paco", en Belém, kaj tiu de "Amazono", en Manaus, konkretigis per elegantaj arkitekturaj linioj altajn kulturajn aspirilojn, kiel ankaŭ iliaj preĝejoj, el kiuj plio ol unu prezentas artajn rafinitaĵojn

Al tiaj manifestadoj, kvazaŭe kulturaj materialoj, respondas la pure intelekt-orda, havigitaj de la literaturaj kaj sciencaj institucioj kaj precipe de la gazetao

La Muzeo el Pará, kies publikigaĵoj fariĝis ŝatataj ĉe la plej famaj universitataj centroj pro sia scienca enhavo, akiris altan famon, kiel ankaŭ la Botanika Muzeo en Manaus, en kiu estis la natuisto BARBOSA RODRIGUES

La senvalorigo de la kaŭĉuko, en posta epoko, nepre kaŭzis al Amazonio sensacian senkuragigon, el kiu ĝi peneme kompensadas, respondece, kun la ekonomia reakcio de Amazonio, kien sin turnas la progresemaj aktivecoj de novaj kunagantoj de ĝia grandigo